

Marcas étnico-culturais russas nas páginas de um livro-reportagem

Diego ANTONELLI¹

Resumo: O trabalho discute como a realidade e as influências culturais de grupos imigratórios que vivem em colônias na região dos Campos Gerais podem ser reportadas a partir da produção de um livro-reportagem. O grupo imigratório selecionado corresponde às três correntes imigratórias provindas da Rússia. Cada uma é representada pelas suas mais significativas colônias existentes na região (Mariental, Santa Cruz e Witmarsum). Trata-se de questionar até que ponto os traços étnico-culturais conseguem sobreviver em meio ao contato com os demais grupos sócio-culturais. Além de retratar como é a vida dos descendentes dos imigrantes nas colônias, que se encontram, de certa forma, isoladas na região dos Campos Gerais. Para que a reportagem possa explorar de forma mais aprofundada os estilos de vida peculiares mantidos nas colônias serão utilizadas técnicas da história oral no processo de coleta de informações.

Palavras-chave: Imigração russa e russo-alemã. Livro-reportagem. História oral. Culturas híbridas.

Introdução

Nas regiões sulistas do Brasil o número de imigrantes oriundos de países europeus, principalmente no final do século XIX e início do século XX foi muito significativa, o que acarretou com que os estados sofressem, de acordo com SEYFERTH (1990, p.13), “forte influência européia em consequência da concentração maciça de imigrantes”. E no estado do Paraná, especificamente na região dos Campos Gerais, este fato não é diferente. São diversos os descendentes de italianos, poloneses, ucranianos, alemães, entre outros. Contudo, um país que marcou o processo imigratório nessa localidade foi a Rússia.

Com três distintas correntes imigratórias, o primeiro grupo, em 1870, a desembarcar em solo brasileiro corresponde aos russo-alemães. Essa corrente migratória corresponde a alemães que foram morar na Rússia e, posteriormente, migraram ao

¹ Acadêmico de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). E-mail: diego-antonelli@bol.com.br

Brasil. Em 1928, chegou ao Brasil outro grupo que, também, saiu da Alemanha com destino a Rússia e daí para as terras paranaenses e catarinenses.

Esses dois grupos imigratórios diferenciam-se entre si não apenas pela data que determina o ano em que chegaram aos Campos Gerais, mas também pelo fato de possuírem características culturais distintas. E uma dessas peculiaridades diz respeito à religião. Enquanto a primeira é basicamente predominada pelo catolicismo, na última são ensinamentos menonitas que prevalecem.

Por esses e outros motivos, os descendentes dos imigrantes russo-alemães habitam colônias distintas. Aqueles que chegaram em 1870 residem na colônia Mariental, localizada na cidade da Lapa, enquanto os russo-alemães menonitas vivem na Colônia Witmarsum, que pertence ao município de Palmeira.

E, por fim, a última corrente migratória que chegou aos Campos Gerais, mas precisamente ao município de Ponta Grossa, ocorreu em 1958 com a chegada dos, popularmente chamados, ‘russos brancos’. WALDMANN (1992, p.35) explica que “os russos brancos são oriundos da Rússia e provenientes da China, onde estiveram por mais ou menos 25 anos, após terem abandonado a pátria-mãe por causas políticas e religiosas”. Esses imigrantes têm seu estilo de vida determinado pela religiosidade ortodoxa que determina desde a roupa a ser usada, aos pensamentos políticos predominantes e a proibição de uso dos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e os jornais impressos, no dia-a-dia.

Hoje os descendentes desses imigrantes habitam a colônia denominada Fazenda Santa Cruz, localizada no distrito de Guaragi, no sul do município de Ponta Grossa, na PR 151. Existem outros descendentes que moram em diferentes países como: Austrália, Canadá, EUA, Uruguai, Bolívia e Argentina.

O hibridismo cultural nas colônias ‘russas’

Antes de fazer um paralelo entre o hibridismo cultural com as colônias imigratórias, é necessário realizar uma breve definição do que vem a ser “culturas híbridas”.

Viver em sociedade com aspectos culturais semelhantes vivenciados por integrantes de um específico grupo social legitima determinadas ações culturais que,

conforme aponta HALL (2005, p.38), são formadas ao longo do tempo, “através de processos inconscientes, e não como algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

Entretanto, o autor afirma que as culturas nacionais são obrigadas, algumas vezes, e tentadas a voltar ao passado a fim de restaurar as identidades passadas.

Mas freqüentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as ‘pessoas’ para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os ‘outros’ que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente (p.56).

E é nesse contexto que se percebe a existência de um hibridismo cultural inserido em grupos sócio-culturais que primam pela tentativa da preservação cultural.

BURKE (2003, p.14) justifica a dificuldade de conservar traços de determinada cultura pela razão de não existir “uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural”. Ou seja, tribos culturais podem manter aspectos de suas respectivas culturas, contudo não devem ser consideradas ‘intocáveis’, já que a tendência global leva fatalmente ao contato com membros possuidores de outras perspectivas culturais, como exemplifica o autor:

Devemos ver as formas híbridas como resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura que reforcem os antigos elementos (p.31).

Um local importante para que ocorra trocas culturais e surja, conseqüentemente, hibridismo cultural são as cidades. Para BURKE (2005, p.71),

o que tornou e ainda torna a metrópole um importante local de troca cultural é a presença de diferentes grupos de imigrantes. (...) Esses grupos muitas vezes tentavam se isolar, trabalhar juntos, casar com membros do mesmo grupo morar em uma parte específica da cidade – uma espécie de aldeia urbana – e manter sua língua e portanto sua identidade original.

Para CANCLINI (1999, p.128),

viver numa grande cidade significa para a maioria dos migrantes, não importa de onde venham, aspirar a ter uma casa própria – com pavimentação, luz e água – próximo a escolas e centro de saúde. Contudo, a homogeneização do consumo e da sociabilidade (...) não anula as particularidades.

E é o que ocorreu com as colônias imigratórias dos Campos Gerais, especificamente daqueles que são oriundas da Rússia. Com o decorrer do tempo, as pessoas residentes nessas colônias percebem a necessidade de interagir com o restante da sociedade.

A resistência (cultural) está fadada ao fracasso no sentido de que os objetivos daqueles que fazem parte da resistência, deter a marcha da história ou trazer de volta ao passado, são inatingíveis. No entanto, a resistência não é em vão, porque as ações de resistência terão um efeito sobre as culturas do futuro. Não será o efeito que desejaram, mas apesar de tudo será um efeito” (p.105-106).

Os moradores das colônias providas da Rússia à região dos Campos Gerais tentam preservar os costumes culturais arraigados desde os tempos que os primeiros imigrantes chegaram a região dos Campos Gerais. Uns mais outros menos. Talvez pelo fato de fazer pouco tempo que os moradores da colônia Santa Cruz residam no Paraná, os traços culturais preservados pelos seus descendentes são mais nítidos e, pode-se dizer, expressivos.

Roupas típicas e o idioma russo ainda são mantidos dentro da colônia. E, provavelmente pelo receio de que sejam ‘contaminados’ por traços culturais distintos, meios de comunicação ainda são proibidos. Estudar e morar fora da colônia não são vistos com os melhores olhos, tampouco um casal divorciado. E se alguém quiser casar com algum morador de Santa Cruz terá que aceitar tais imposições culturais regradas pela religiosidade.

Entretanto há pessoas que não seguem à risca tais determinações. No fundo da casa, em quartos (praticamente) escondidos algumas famílias mantêm, escondidas, televisões e aparelhos de dvd’s. Também existem aqueles que para ou cursar uma faculdade ou um curso técnico abandonam a colônia e passam a residir ‘na cidade’, que muitas vezes passa a ser Ponta Grossa.

Sinais de que, através do contato com outras pessoas de diferentes grupos sócio-culturais, os moradores da colônia passam a mesclar os costumes étnicos transmitidos por seus antepassados com a vida que existe fora da colônia. Não significa afirmar que

os habitantes de Santa Cruz são ‘contagiados’ pelas outras pessoas, mas sim de que as trocas culturais entre membros de uma cidade são quase que inevitáveis.

O primeiro grupo oriundo da Rússia a chegar ao Paraná (no ano de 1870), que vive em Mariental, transmite bem o significado de trocas culturais. Foram tantos anos fora do convívio com os costumes trazidos pelos imigrantes, que seus descendentes não mantêm praticamente nada daquilo que foi propagado pelos antepassados. O idioma único falado é o português. Da Alemanha, ou mesmo da Rússia, sobraram apenas recordações dos mais velhos e fotografias aos mais novos.

Roupas também típicas usadas somente por aqueles que dançam (quando dançam; já que danças típicas apenas são lembradas em determinadas festas regionais). Para não dizer que tudo foi perdido, a religiosidade católica trazida pelos imigrantes ainda é ponto forte. Dificilmente verão uma casa sem imagens de santos e dos Papas, especialmente de João Paulo II. Até nos bares, alguma referência religiosa estará colada à parede.

A colônia Witmarsum também preserva características culturais peculiares, como idioma e comidas típicas. No entanto, o número de pessoas, principalmente os jovens de até 25 anos, que fala alemão começa a decair quando comparado aos adultos. E talvez seja por isso que dentro das casas o idioma predominante é o europeu. Porém, quando os jovens estão entre si o que mais se ouve é português. Com gírias e palavrões.

Não há restrição quanto ao contato com outros grupos culturais. São inúmeros os casos de pessoas que saem da colônia para morar fora e até fazer intercâmbio. E, como já foi escrito, o contato com diferentes culturas fará, fatalmente, com que ocorra um ‘intercâmbio’ também nas formas de viver dentro da sociedade. Mesmo que todos sejam obrigados a falar alemão desde crianças, já que é obrigatório no colégio, localizado na própria colônia. Apenas para exemplificar a importância do idioma em Witmarsum, a missa menonita é rezada inteiramente em alemão.

É na religião também que se percebem aspectos de hibridismo cultural. Possivelmente pelo contato com outras religiões, alguns moradores de Witmarsum freqüentam missas católicas rezadas em português. Detalhe: não havia nenhum católico quando a colônia foi idealizada.

As (diferentes) culturas possuem a capacidade de reinterpretar os elementos estranhos, oriundos ‘de fora’.

O choque ou a assimilação cultural se faz sempre no seio de um território, a nação, a cidade, o bairro. Dentro deste quadro, o conceito de memória coletiva torna-se fundamental para a análise antropológica, pois sabemos que as trocas se fazem em detrimento do grupo que parte, para se implantar, em condições adversas, em terras estranhas (ORTIZ, 1994, p.75).

No processo imigratório as relações interculturais hibridizadas se expressam em diversos níveis, desde âmbitos globalizados, econômicos, até as relações sociais produzidas pelo cotidiano. VALENZUELA ARCE (2003) relata que “a luta pelo reconhecimento (cultural) manifesta-se de inúmeras formas. O desafio é compreender que a diversidade enriquece a vida cultural” (p.155). O autor escreve, ainda, que

a migração é um dos processos sociais que participa de maneira determinante na configuração de âmbitos interculturais e transfronteiriços. Tem enorme relevância na dinâmica intercultural contemporânea, definida por meio de conceitos como diáspora, desterritorialização – reterritorialização, comunidade transnacionais, redes migratórias e outros conceitos a partir dos quais se busca captar as condições que subjazem às transformações e recriações culturais que definem o sentido da vida de milhões de seres humanos no mundo” (p.158).

História oral e livro-reportagem: alternativa para registro cultural das colônias migratórias

A história oral preocupa-se em construir a história a partir das palavras de quem vivenciou um determinado período. Conforme THOMPSON (1998, p.44),

a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação (...). Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

O autor justifica a necessidade de uma coleta histórica oral devido a deficiência em trabalhar apenas com documentos escritos: “A documentação escrita, ainda que por certo presente, é muito menos rica do que a de sociedades que se tornaram letradas mais cedo, enquanto o material de fontes orais é abundante” (p.119-120).

Ao trabalhar em contato com as pessoas que vivenciaram ou vivem um determinado período histórico – o que ocorre nas colônias imigratórias existentes nos Campos Gerais – pode-se compreender como o passado interfere na vida dos entrevistados, como escreve CRUIKSHANK (2002, p.156): “Fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa”.

O elemento determinante de tal formato de historicidade é a aquisição da capacidade de falar, de comunicar idéias, já que em contato com o outro se descobre um processo de socialização das visões do passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolveram (MONTENEGRO, 1994, p.40).

Vale frisar que, de acordo com THOMPSON (1998), a história oral cresceu em locais onde subsistia uma tradição de trabalho de campo relacionado à própria história, como a operária, a política ou a local. “Ou (ainda) onde os historiadores têm adentrados em contato com outras disciplinas de trabalho de campo, como a sociologia, antropologia ou pesquisa sobre dialetos e folclore” (p.98).

A história oral tem como pressuposto a utilização de fontes orais que se valem da memória para relatar fatos antecedentes. Muito se discute acerca da credibilidade das fontes e de suas recordações (VOLDMAN, 2002, p.36-37). Todavia CAMARGO (1994, p.83-84) adverte que para não haver dúvidas a respeito do tema tratado deve falar com muitas pessoas, dessa maneira consegue-se “construir uma versão que se sustenta”.

A história oral se faz a partir de um conjunto de entrevistas. Para que a informação obtenha êxito necessita-se que ocorra uma “profundidade da relação dialógica que se trava entre entrevistador e entrevistado” (CAMARGO, p.83).

Na prática jornalística pode-se chegar às táticas de “entrevista-diálogo”, propostas pela história oral, o “que tanto pode ampliar o espaço para a discussão sobre a arte de entrevistar quanto criar novas demandas de pautas, permitindo que fontes não convencionais também sejam ouvidas” (MAIAL, 2003).

Através de recursos da história oral, MAIAL aponta que o jornalista irá reconhecer

que existe um ‘outro’, que pode pensar diferente, que pode ter contribuições desafinadas com o coro do consenso, que pode fugir da visão dualista do certo e do errado e levantar questões diferentes das que estão em pauta, mesmo levando-se em consideração os limites de

sua atuação. Se o repórter não consegue tentar entender quem é o outro neste processo, corre o risco de tornar-se um ser “asséptico”, desprovido de sua própria humanidade’.

A possibilidade de falsos testemunhos na história oral também está presente no processo de reportagem jornalística. Para não correr esse risco basta realizar um dos procedimentos constantes e básicos do jornalismo: checar as informações. Além disso,

qualquer análise mais cuidadosa deverá sempre levar em consideração que tanto o documento escrito quanto o depoimento oral não são conclusivos nem totalmente verdadeiros, pois deve-se ter em mente que há condicionantes políticos, ideológicos e culturais permeando as informações coletadas. (MAIAL, 2003).

O jornalismo ao descartar ou omitir traços da história das sociedades de pequena escala (objeto da história oral) arrisca-se, como escreve CRUIKSHANK (p.164), “a perder evidências da diversidade humana”, sem conseguir “ir além das generalizações estereotipadas ou evasivas” dos fatos reportados (THOMPSON, 1998, p.261).

O livro-reportagem possui a capacidade de cumprir esses lapsos deixados pelo restante da mídia, como escreve LIMA (2004, p. 04): “O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista (...) quando utilizadas jornalisticamente nos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional”.

O livro-reportagem pode ser desde uma simples coletânea de reportagens publicadas em jornais ou uma reportagem produzida de maneira especial para ser editada em formato de livro. Mas, como SODRÉ & FERRARI (1986, p. 94) escrevem, ambos devem ser “concebidos e realizados em termos jornalísticos”. Isto é, preocupados com a veracidade dos fatos narrados.

De acordo com o site Texto Vivo, o livro-reportagem corresponde a um veículo jornalístico impresso não-periódico que pode conter reportagens, grande-reportagem ou ensaio. “Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar”.

Relatar, através de um livro-reportagem, a vida dos descendentes de imigrantes provindos da Rússia nos Campos Gerais não se limita a escrever de forma estereotipada como é a vida nas colônias. Trata-se de tocar em um ponto pouco explorado pelos meios de comunicação, mostrando que o jornalismo é capaz de retratar a história de

uma sociedade cultural, e, conseqüentemente, tratar a cultura local como objeto de reportagem.

A falta de uma ampla cobertura cultural da região pela imprensa local explicita a carência em uma produção jornalística diferenciada que trate os assuntos de forma contextualizada, dando ênfase à regionalização tanto cultural quanto jornalística. MEDINA (2002, p.79) diz que determinados temas diferenciados devem ser tratados e escritos também de uma forma diferenciada.

Quando escrevemos a matéria como sempre se fez – na pirâmide invertida, lead (abertura), sumário, ordenação linear, divisão de espaços em diferentes submatérias (retrancas), começo, meio e fim (...) – onde fica o processo cognitivo? Um tema social ou um perfil particularizado merecem uma atitude de pesquisa tanto na realidade, ao entrevistar, quanto no momento de representação (interpretação) simbólica.

Dessa maneira, busca-se (re)pensar o modo usual de cobertura local-cultural dos Campos Gerais para contemplar o fato de um modo que não recaia no processo mecânico e funcional do jornalismo, no qual apenas o ‘factual’ seria noticiado. VILAS BOAS (1996, p.88) afirma que,

para compreender o presente, o livro-reportagem leva em conta o tempo histórico. Não significa que o jornalista (autor) realiza um trabalho de historiador. Primeiro porque não tem que se vincular ao passado. A narrativa pode ir e vir no tempo, fazendo, inclusive, um prognóstico futuro pelo desdobramento presente. Já o passado é fonte de conhecimento para a compreensão da atualidade, seus conflitos e repercussões.

Questiona-se, também, até que ponto a atividade humana nunca esteve desvinculada dos laços culturais de sua origem. Por vezes, um simples símbolo remete ao país de origem. Entretanto, corre-se o risco de cair em estereótipos. SEYFERTH (1990, p.91-92) afirma que “muitas vezes as características culturais que podem definir um grupo étnico perderam sua importância conceitual ou estão profundamente modificados”. A partir deste pressuposto, o livro-reportagem questiona as possíveis alterações dos hábitos culturais e dos costumes que se mantêm, quais, realmente, são capazes de referenciar o país de origem.

Referências Bibliográficas

- BACH, Arnaldo Monteiro. **Carroções**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2003.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BOAS, Sérgio Vilas. **O estilo Magazine – o texto em revista**. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CAMARGO, Aspásia. **História oral e política**. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). História oral e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. 4ª edição.
- _____. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1998. 2ª edição.
- CRUIKSHANK, Julie. **Tradição oral e história oral: revendo algumas questões**. IN: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). Usos & Abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 5ª edição.
- DIEGUES Jr., Manuel. **Imigração, Urbanização e Industrialização**. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.
- FERRARI, Maria Helena e SODRÉ, Muniz. **Notas sobre a narrativa jornalística**. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1986.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- GADINI, Sérgio Luiz e QUEIROGA, Luciana Rocha de. **Fragmentos de uma Rússia Brasileira – a presença do rádio na construção (ou preservação) da cultura dos imigrantes russos na região dos Campos Gerais/PR**. Relatório Final de Projeto de Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004. Edição revista e atualizada.
- MAIAL, Marta Regina. **Comunicação individual - A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística**. III Encontro Nacional de Pesquisadores Em Jornalismo 27 a 29 De Novembro de 2005, Florianópolis – SC.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista – o diálogo possível**. Ática, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994. 3ª edição.

MÜLLER, Estevão. **Peregrinos à procura da liberdade: odisséia da imigração alemã no Paraná**. Curitiba: Champagnat, 2005.

_____. **Os ventos sopram liberdade: Alemães do Volga, a epopéia de um povo**. São Paulo: Centro Marista de Estudos e Pesquisas, 2003. Edição especial comemorativa.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003. 5ª reimpressão da 1ª edição.

_____. **A consciência fragmentada – Ensaio de cultura popular e religião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHWAB, Carlos Alberto. **Resumo histórico e genealogia dos Alemães do Volga**. Campo Largo: Editora Paranaense, 1997.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Unb, 1990.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 2ª edição.

VALENZUELA ARCE, José Manuel. **De migras e migrações – Diásporas, cidadania e nação (Latino) Americana**. IN: CANCLINI, Néstor García (org). *Culturas da Ibero - América: Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento*. São Paulo: Moderna, 2003.

VOLDMAN, Danièle. **Definições e usos**. IN: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 5ª edição.

WALDMANN, Isolde Maria. **Fazenda Santa Cruz dos Campos Gerais e a imigração russa (1792-1990)**. Ponta Grossa: Planeta, 1992.

WITMARSUM – Em quatro décadas 1951-1991. **Documentário de uma colônia Menonita no Paraná – Brasil**. Direitos reservados pela Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Redação: Melita Nickel e Horst Gunther Kliewer.

MEIOS ELETRÔNICOS:

TEXTO VIVO. Livro-reportagem. www.textovivo.com.br. Acessado em 16 de março/07.